

030/94

Ives Gandra da Silva Martins

A ANISTIA INTERNACIONAL

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,

Professor Emérito da Universidade Mackenzie,

Presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da

Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Membro da Anistia Internacional.

Há muitos anos pertenço à Anistia Internacional. Aqueles que me conhecem sabem que sou um liberal em matéria econômica. Não acredito no Estado Empresário, que promove muito mais os detentores do poder que os interesses nacionais e prejudica a Economia como um todo, em todos os espaços geográficos e em todos os períodos históricos. O Brasil de hoje, único país da América Latina que não venceu a inflação, deve ao paquidérmico Estado empresarial e sua péssima "performance", grande parte de seus problemas econômicos, que o esforço de trabalhadores e empresários do setor privado mal consegue superar.

Por esta razão é que, também em matéria de direitos humanos, não aceito a visão estatal de uma sociedade coletiva. De as pessoas serem apenas cifras estatísticas. De as violências à dignidade humana serem meios justificados pelos fins da repressão. Que a vida, a imagem, o patrimônio das pessoas sejam atingidas sempre que as autoridades governamentais busquem, para cobrir insucessos pessoais, convencer o povo de que fracassaram por causa de determinadas pessoas ou grupos, que não têm espírito de solidariedade pública ou que não colaboram para que os detentores do poder se mantenham no poder.

Sempre admirei a linha de conduta da Anistia Internacional que luta, supra ideologicamente, para retirar as pessoas de uma visão coletiva valorizando sua densidade superior, que é a do indivíduo enquanto indivíduo. De ser humano em sua plena dignidade, com seus projetos de vida, seus sonhos e aspirações e o seu direito de ser respeitado por outras pessoas, mas principalmente pelo Estado, que deve servi-lo.

Ives Gandra da Silva Martins

Por este prisma, toda a violência contra as pessoas, transformadas em meras estatísticas ou cifras nos noticiários dos jornais, é uma violência contra a própria sociedade, na medida em que, se esta tolera arbitrariedades, a título de, desta forma, comprar sua tranquilidade, perde também, na essência, o auto-respeito que qualquer povo deve ter.

Por esta razão pertenço à Anistia, há muitos anos e defendo seus ideais de respeito à dignidade humana, de respeito à vida, de respeito ao devido processo legal, que deve ser rápido e justo. As condenações de criminosos devem ocorrer por força das leis e não das pressões da mídia ou de interesses menos claros.

É nesta linha que aceitei ser um dos Embaixadores da Esperança, idéia-chave com que pretende a Anistia Internacional, em todos os países, consciencializar o mundo para o que representa um projeto de vida ceifado pela violência do Estado, de grupos de extermínio, de poderosos e de marginais.

Cada vida atingida pela violência é um projeto de vida abortado. Que atinge as pessoas ligadas à vítima. Que desestabiliza o meio em que vive e fere densamente seus familiares.

Escolhi para representá-lo, nesta cruzada, um pai de família de 13 filhos. Um agricultor colombiano de nome José del Carmen Alvarez Blanco, morto, em chacina de represália, por um furto de gado, com outros 42 camponeses, sem que se tivesse qualquer prova de que participara do furto.

Quem tem 13 filhos acredita na vida, não pode ser um marginal. Tem que lutar -- principalmente sendo um homem do campo-- duramente para sustentá-los. Só pode ter ideais superiores, senão seu coração não se abriria para a generosidade de uma prole numerosa. Sua morte representou um abalo "sísmico" na família e cortou o gesto grandioso de criar para o futuro cidadãos conscientes e trabalhadores. A grande maioria de seus filhos, ainda menores, dele dependia intensamente. Todo seu projeto de vida para educá-los e ofertar-lhes condições de vida melhores do que a sua, foram por terra. Os filhos, a esposa, todos aqueles que dele dependiam passaram a ter um vácuo em suas vidas, provocado pela insensatez da violência. Sua morte, nos jornais, apareceu como um número adicional aos dos outros chacinados no mesmo momento. Mas este número frio da imprensa escondeu a

Ives Gandra da Silva Martins

desgraça fantástica que não se resume apenas em sua morte, mas principalmente na desestruturação daquela pacífica família de agricultores.

Se todos nós, a partir dos governantes, tivéssemos consciência do que representa a violência, talvez pudéssemos valorizar a insuficiência, do indivíduo, sobrepondo-o às teses coletivistas, que justificam as mortes de "poucos" para a tranquilidade de "muitos", tese que, sobre alongar a violência sobre os "poucos", termina por não gerar paz para os "muitos", visto que o ódio gera o ódio, como o amor gera o amor.

O que a Anistia Internacional pretende --sem teorizar, como fazem os intelectuais em sua reflexão acadêmica sobre as causas da violência, que repetidas vezes se torna uma meditação estéril-- é mostrar que a violência não leva a nada e a eliminação de uma só vida, mais do que uma cifra fria na estatística das mortes repentinas, é eliminar todo um universo de anseios, aspirações e esperanças que poderiam, melhor orientados, trazer frutos reais para a sociedade. Se não lutarmos contra a violência, venha de onde vier, seremos um pouco co-autores de todos os crimes que a imprensa noticia todos os dias, pois que nos acovardamos em dizer a verdade e lutar pela verdade. E a pior das covardias é a cumplicidade silenciosa.

IGSM/mos
anis